



## UMA MENTIRA MINHA VALE POR DEZ VERDADES TUAS: A MONTAGEM CINEMATOGRAFICA NA LITERATURA DE VALÊNCIO XAVIER<sup>1</sup>

### A LIE OF MINE IS BETTER THAN YOUR TEN TRUTHS: THE CINEMATOGRAPHIC MOUNT IN THE VALÊNCIO XAVIER'S LITERATURE

Rodrigo Gomes de Araujo<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho discute a produção literária de Valêncio Xavier (1933-2008). Nascido em São Paulo e radicado em Curitiba, o artista atuou como cineasta, jornalista e escritor. Seus livros apresentam desafios aos padrões narrativos e questionam os limites da escrita literária e historiográfica. Busco problematizar duas de suas obras, *O mez da gripe* (1981) e *Maciste no inferno* (1983), pois recorrem a recursos de montagem cinematográfica para representar um tipo bastante peculiar de verossimilhança. Nas obras de Valêncio, são utilizados recursos de colagem de obras pré-existentes, como jornais impressos e cenas de filme, se apropriando de fatos verídicos para criar ficção literária. Os livros em questão apresentam diálogos com a teoria de montagem do cineasta Sergei Eisenstein, segundo o qual através da junção de fragmentos dotados de sentido próprio é possível obter diferentes sentidos que são organizados pelo autor. Observando as obras de Valêncio, é possível perceber que sua narrativa apresenta um tipo de verossimilhança almejada pela historiografia, além disso, inquietam e chegam a confundir o leitor, sendo difícil caracterizá-las como ficção. O recurso de colagem utilizado pelo artista funciona como um equivalente das fontes utilizadas no trabalho historiográfico, entretanto em seus livros o efeito de verossimilhança surge de forma mais eficaz do que na historiografia, criando um efeito de realidade.

**Palavras-chave:** narrativa; historiografia; verossimilhança; *O mez da gripe*; *Maciste no inferno*.

#### ABSTRACT

This work discusses the literary production of Valêncio Xavier (1933-2008). Born in São Paulo and settled in Curitiba, the artist acted as a filmmaker, journalist and writer. His books present challenges to the narrative patterns and question the limits of literary and historiography writing. I want to problematize two of his works, *O mez da gripe* (1981) and *Maciste no inferno* (1983), because these works resort to the cinematographic montage to represent a very peculiar kind of verisimilitude. In the

<sup>1</sup> Este artigo é parte do meu projeto de mestrado intitulado *Valêncio Xavier: a trajetória e a consciência histórica de uma produção literária (décadas 1960-2000)*, sob orientação do Prof. Dr. Renato Lopes Leite.

<sup>2</sup> Mestrando e graduado em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Email: [othenada@yahoo.com.br](mailto:othenada@yahoo.com.br).



Valêncio's works, resources are used for bonding of pre-existing works, such as newspapers and movie scenes, appropriating real facts to create literary fiction. The books in question have dialogues with the theory of montage from the filmmaker Sergei Eisenstein, according to which by uniting fragments endowed with sense is possible to get different meanings that are organized by the author. Observing the works of Valêncio, it is possible to notice that his narrative has a kind of verisimilitude sought by historiography, by the way, these works worry and come to confuse the reader, it is difficult to characterize them as fiction. The use of collage used by the artist works as an equivalent of the sources used in historiographical work, but in his books the effect of verisimilitude appears more effective than in the historiography, creating a reality effect.

**Keywords:** narrative, historiography; verisimilitude; *O mez da grippe*; *Maciste no inferno*.

Valêncio Xavier (1933-2008) foi um expoente no fazer cinematográfico e literário no Paraná, ainda assim é pouco conhecido entre os historiadores e mesmo entre os pesquisadores de literatura. Além de cineasta e escritor, atuou como jornalista, crítico de cinema, fotógrafo, artista gráfico, e dirigiu filmes e programas de tv.<sup>3</sup> Valêncio era avesso ao academicismo, e se orgulhava de dizer que “não era formado em nada”, mas os questionamentos presentes em suas obras são muito bem embasados e trazem várias indagações que são compartilhadas pela historiografia contemporânea.

Em suas obras, aparecem subjetivamente questionamentos quanto à objetividade da narrativa e da memória, e dúvidas quanto à dicotomia entre fato e ficção. Sua contribuição, porém, não se restringe a isso, há também uma grande preocupação com a consciência histórica<sup>4</sup> do Paraná. Seus livretos, *Desembrulhando as balas Zequinha* (1974) e *O lazer na Curitiba antiga* (1975); os livros *Curitiba, de nós* (1975) e *Poty, trilhos, trilhas e traços* (1994), e os filmes *O pão negro: um episódio da*

<sup>3</sup> CHICOSKI, Regina. **Eros e Tanatos no discurso labiríntico de Valêncio Xavier**. Assis, 2004. Tese (doutorado), UNESP. p. 15.

<sup>4</sup> Segundo o historiador alemão Jörn Rüsen, a consciência histórica se faz na vida prática, trata-se do conhecimento de como nos situamos no tempo, ou seja, de como estamos inseridos em contextos específicos. É por meio desta consciência que são criadas as narrativas que tornam o passado presente, para interpretar e orientar experiências atuais do tempo. Para o historiador, as narrativas historiográficas e ficcionais são produzidas na tentativa de orientar-se neste fluxo de tempo, na busca de se situar entre o passado e o presente. De acordo com Rüsen, a consciência histórica é um tipo de conhecimento histórico pré-científico, ainda não problematizado com métodos específicos de pesquisa, mais ainda assim capaz de orientar e conferir conhecimento. Cf. RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da UnB, 2007. p. 56-66.



*Colônia Cecília* (1993) e *Os 11 de Curitiba, todos nós* (1995), são contribuições à consciência histórica do estado, temas pouco abordados pela historiografia.

*O mez da gripe*<sup>5</sup> é um livro que dialoga com a historiografia, questionando-a. A novela contribui para a consciência histórica a respeito da epidemia de gripe espanhola. Vale destacar que não se tem notícia de estudos sobre os desdobramentos da epidemia em Curitiba. Os eventos não aparecem nem mesmo nas obras clássicas da historiografia paranaense, como a de Romário Martins, que vivenciou o período, e a de Ruy Wachowicz, que sequer fazem menção à epidemia.

As interpretações da obra de Valêncio se omitem sobre a importância cultural do artista para além da literatura, não se conhecem estudos realizados fora da abordagem literária. O artista faleceu em 5 de dezembro de 2008 sem que houvesse um reconhecimento de sua carreira cinematográfica, que é quase toda inédita. Foi uma personalidade bastante importante em sua época, fundou e dirigiu a Cinemateca do Museu Guido Viaro, em 1975, hoje chamada de Cinemateca de Curitiba, e colaborou ativamente para formar a atual geração de cineastas curitibanos, conhecida como “Geração Cinemateca”. Sua carreira literária atualmente recebe mais destaque, apesar de suas declarações dizendo ser um homem de cinema.<sup>6</sup>

Valêncio publicou *O mez da gripe* originalmente em 1981, seu primeiro e mais conhecido livro. A obra teve baixa tiragem, mas foi sucesso de público e crítica. Montada a partir de recortes de jornais de 1918, trata paralelamente do desfecho da Primeira Guerra Mundial e da epidemia de gripe espanhola em Curitiba, além de diversas pequenas histórias entrecruzadas.

Valêncio só passou a ter notoriedade no campo literário com a publicação de *O mez da gripe e outros livros*,<sup>7</sup> pela editora Companhia das Letras. O livro, que traz obras já publicadas anteriormente e alguns contos inéditos, concorreu ao prêmio Jabuti nas categorias Romance e Produção Editorial em 1999, e venceu a última. A partir dessa difusão da obra, as interpretações são inúmeras, é lugar-comum dizer que a novela

<sup>5</sup> XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe*. Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

<sup>6</sup> ROCKER NETO, Júlio. *O mosaico de linguagens na narrativa hipertextual de Valêncio Xavier*. Curitiba, 2008. Dissertação (mestrado), UFPR. p. 1.

<sup>7</sup> XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe e outros livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Meu artigo seguirá esta edição.



rompe com os padrões literários devido ao uso de ilustrações com caráter narrativo, associadas à escrita e à sua construção fragmentada. As interpretações de seus livros chamam também a atenção para a apropriação e a colagem de diferentes formas narrativas extraliterárias, como a historiografia, o jornalismo e o cinema.

Segundo o crítico Boris Schnaiderman, *O mez da gripe* propõe novos caminhos para a narrativa contemporânea ao colocar ilustrações que compõe o texto. Por exemplo, “As descrições do ambiente (...) que numa ficção tradicional ocupariam páginas e mais páginas, são dadas por elementos iconográficos”.<sup>8</sup> De acordo com ele, é uma obra modernizante por seu caráter polifônico, com tipos distintos de narrativa que dialogam entre si e contam simultaneamente várias histórias.

Se para *O mez da gripe* há diversas interpretações, para *Maciste no inferno*,<sup>9</sup> seu segundo livro, há somente alguns breves comentários, como na tese de Regina Chicoski, em que a análise do livro se resume quase que unicamente a uma descrição.<sup>10</sup> Os dois primeiros livros de Valêncio recorrem a métodos de montagem em sua composição, assim como a maioria de suas obras. Em *O mez da gripe*, uma breve narrativa ficcional de um estuprador que se aproveita de uma mulher enferma é agrupada a formas de registro histórico, como recortes de jornal, relatórios sanitários, estatísticas e depoimentos. As diferentes formas narrativas são montadas de modo a criar eixos narrativos distintos, mas que se relacionam entre si.

Segundo os conceitos defendidos pelo cineasta russo Sergei Eisenstein, a montagem possibilita recombinar elementos – que o autor chama de fotogramas – dotados de sentido próprio e distorcê-los de modo a criar sentidos distintos. De acordo com Eisenstein, trata-se de

um sistema de reprodução que fixa eventos reais e elementos da realidade. Essas reproduções, ou fotorreflexos, podem ser combinados de várias maneiras. Tanto como reflexos como pela maneira de suas combinações, elas permitem um grau de distorção – que pode ser tecnicamente inevitável ou deliberadamente calculada. Os resultados variam desde a realidade exata das combinações de experiências visuais inter-

<sup>8</sup> SCHNAIDERMAN, Boris. O mez da gripe: um coro de muitas vozes. *Revista Usp*, n° 16, 1992-1993. p. 104.

<sup>9</sup> XAVIER, Valêncio. *Maciste no inferno*. Curitiba: Criar Edições, 1983.

<sup>10</sup> CHICOSKI, op. cit., p. 170-180.



relacionadas, até as alterações totais, composições imprevistas pela natureza, e até mesmo o formalismo abstrato, com remanescentes da realidade.<sup>11</sup>

Para o cineasta, a prática da montagem se realiza através da combinação de fragmentos e da criação de sentidos próprios, que necessariamente não são os mesmos iniciais, “a montagem é uma idéia que nasce da colisão de planos independentes – planos até opostos um ao outro”.<sup>12</sup>

De acordo com a dissertação de Júlio Rocker Neto, Eisenstein é a grande referência para a obra de Valêncio, de modo que a montagem, feita a partir de fragmentos pré-existentes, está presente em quase todos os textos produzidos pelo artista.

A utilização do corte e montagem, portanto, é o princípio pelo qual Xavier utiliza fragmentos de palavras e imagens, inicialmente esvaziadas de sentido individualmente, mas que adquirem sentido no momento em que são coladas lado a lado segundo a intenção do autor.<sup>13</sup>

A novela de Valêncio, ao agrupar os registros históricos pré-existentes, lhes confere sentidos diferentes dos originais. Visto como um todo, o livro tem um aspecto extremante tétrico, que vai se acentuando. Isso pode ser percebido até mesmo através das propagandas que são apropriadas na obra, se a princípio são de cortinas e filmes em cartaz,<sup>14</sup> vão passando para remédios e produtos de prevenção à gripe<sup>15</sup> e culminam em anúncios de funerárias.<sup>16</sup>

Ao agrupar os registros de maneira sequencial, seus sentidos são alterados, principalmente quando são chocadas as notícias dos jornais: o *Commercio do Paraná*, que busca camuflar a epidemia, e do *Diário da tarde*, que tenta explicitá-la. Se a princípio as matérias tinham a intenção de noticiar, no livro servem para questionar a pretensa imparcialidade política da mídia. A montagem que distorce o sentido original aparece ainda mais explícita na página 47, na qual uma propaganda de xarope adquire teor erótico devido à intervenção poética de Valêncio. Enquanto a propaganda traz a ilustração de um médico em pé,

<sup>11</sup> EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002. p. 15

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>13</sup> ROCKER NETO, op. cit., p. 51.

<sup>14</sup> XAVIER. **O mez da gripe e outros livros**. Op. cit., p. 14, 20.

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 23, 25, 29, 47.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 52, 58.



DIA 10 DOMINGO

Estou de pé ao pé da cama  
o traço de sua fenda do amor fica horizontal  
em relação a mim, como se os lábios fossem sua boca  
onde encosto meus lábios.



“... Não, não estavam mortos, não, mas quase. Tiveram que  
levar os dois para o hospital.”

DONA LÚCIA - 1976

47

XAVIER. *O mez da gripe e outros livros*. Op. cit., p. 47.

nas quais o leitor deve estar atento e realizar mais de uma leitura para que ele próprio crie os sentidos.

Já Maria Salete Borba, considera que além do cinema, também o jornalismo é incorporado à produção literária de Valêncio. O artista, segundo a pesquisadora, está inserido num contexto em que imagem passa a ser mais valorizada, e aproxima diferentes linguagens. Jornalismo e literatura passam a dialogar cada vez mais, e mesclam realidade e ficção. No caso de *O mez da gripe*, o autor vai além e realiza um

dialogando com uma mulher acamada, no trecho ficcional, logo acima, o homem se diz em pé observando a vagina da mulher, em qual encosta os lábios.

A tese de Regina Chicoski destaca que o livro dialoga com as artes visuais. Também para a pesquisadora, a novela é construída com princípios de montagem cinematográfica. A autora frisa que a produção literária de Valêncio está intimamente relacionada com sua formação de cineasta, e às artes visuais. “O aparente caos, a fragmentação, o sentido criativo do quase-inacabado, apontam para procedimento que lembra o fazer Dadaísta”,<sup>17</sup> movimento artístico com que Valêncio teve contato em Paris, em 1959.<sup>18</sup> Para Chicoski, o autor vai além da colagem e cria obras plástico-literárias

<sup>17</sup> O dadaísmo foi um movimento artístico-literário surgido na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, que discutia a desilusão e o absurdo e provocados pela guerra. O movimento caracterizou-se pelos recursos de colagem e montagem como linguagem artística. Cf. CHILVERS, Ian. *Dadá*. In: **Dicionário Oxford de arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 140.

<sup>18</sup> CHICOSKI, op. cit., p. 13.



tipo de documentário, uma construção que dialoga tanto com a imprensa periódica quanto com o cinema.<sup>19</sup>

O diálogo da produção literária de Valêncio com sua formação de cineasta é evidenciado ao analisar seus textos levando-se em conta a teoria da montagem de Eisenstein. Uma vez que o artista parece ter se apropriado inteiramente da ideia de que a partir da combinação de “elementos da realidade” tem-se um grau de distorção, que segundo Eisenstein, pode ser mínimo ou pode gerar composições deliberadamente calculadas e distorcidas – como em *O mez da gripe*.

Segundo Evanir Pavloski, o livro problematiza e questiona dicotomias entre fato e ficção, literatura e história, pois reforça a ideia de que mesmo os discursos historiográficos e jornalísticos são subjetivos e possuem características ficcionais. Assim, o livro

coloca em evidência esse comprometimento subjetivo que cerca toda prática discursiva ao reunir dentro de um mesmo texto diferentes versões que se propõe a discutir o mesmo acontecimento (...). Esse procedimento acaba por criar um caleidoscópio interpretativo que desqualifica a busca de quimeras como “as verdades absolutas” ou “os fatos inegáveis”. Assim, a história perde seu status dogmático e se fragmenta em múltiplas perspectivas analíticas que partem do mesmo ponto, mas seguem caminhos distintos.<sup>20</sup>

Pavloski salienta que as diferentes versões dos fatos comprometem o princípio da objetividade historiográfica e jornalística. De modo que cada fragmento narrativo põe os outros em questão, oferecendo múltiplas interpretações que o leitor deve escolher. O autor conclui que *O mez da gripe*, além de desafiar os conceitos de história, ficção e fato, discute a própria ideia de narrativa.

Além disso, a novela de Valêncio ao utilizar o recurso de apropriação e colagem de fac-símiles dos jornais cria um efeito de realidade que se sustenta, mesmo apresentando versões contraditórias dos mesmos fatos, como no caso dos jornais *Commercio da Paraná* e *Diário da tarde*. A verossimilhança presente no livro é tão

<sup>19</sup> BORBA, Maria Salete. **Para além da escritura:** a montagem em Valêncio Xavier. Florianópolis, 2005. Dissertação (mestrado), UFSC. p. 110-113.

<sup>20</sup> PAVLOSKI, Evanir. Linguagem, História, ficção e outros labirintos em *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. **Revista Letras**, Curitiba, n. 66, mai.-ago., 2005. Editora UFPR. p. 55.



convincente que mesmo pelo depoimento de Dona Lúcia, testemunha ocular da epidemia, que se autocontradiz ao contar diferentes versões do caso de uma moça que pode ter morrido de gripe espanhola, enlouquecido devido à febre, ou se suicidado.<sup>21</sup> Tal efeito só é quebrado pelo texto ficcional que narra o estupro, este sim escrito por Valêncio.

De acordo com Miguel Sanches Neto, a verossimilhança da obra, e a contextualização criada através da apropriação dos registros históricos, não passam de um embuste criado para servir de pano de fundo para narrar uma cena de estupro.

*O mez da gripe* (...) é uma falsa novela histórica – na verdade, a monstruosidade do estuprador, cujas proezas são relatadas como prazerosas, questionam os discursos oficiais e mentirosos sobre a epidemia que dizimou centenas de pessoas em Curitiba. Os recortes de jornais, espécie de moldura do episódio do estupro, servem apenas secundariamente para dar o clima histórico do livro, funcionando, isso sim, como contraponto para a desumanidade deste tarado que não tem piedade nenhuma.<sup>22</sup>

Entretanto, há que se lembrar que o livro não narra somente esta história, há mais dois grandes eixos narrativos, o fim da Primeira Guerra Mundial e o desdobramento da gripe espanhola, além de outras narrativas entrelaçadas, como os depoimentos de Dona Lúcia, que tenta rememorar a epidemia. Sanches Neto atribui uma importância muito elevada para uma única narrativa, dentro de um livro composto por uma diversidade de histórias independentes e entrecruzadas, que se complementam através do dialogismo.

Se em *O mez da gripe*, a montagem é feita de forma predominante pela apropriação de notícias de jornal, em *Maciste no inferno*, a fonte da qual Valêncio se apropria é o cinema. O livro traz duas narrativas cruzadas, um antigo filme italiano,<sup>23</sup> e a história de um homem que tenta abusar sexualmente de uma mulher sentada ao seu lado enquanto o filme é exibido.

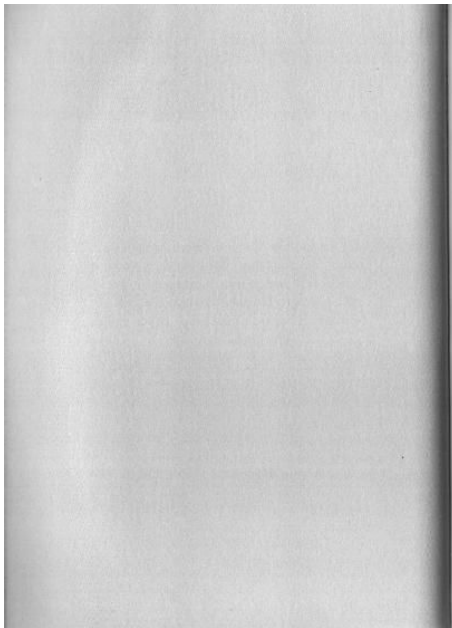
<sup>21</sup> XAVIER. *O mez da gripe e outros livros*. Op. cit., p. 75-76.

<sup>22</sup> SANCHES NETO, Miguel. O poder corrosivo. *Gazeta do Povo*. Caderno G. p. 4. Curitiba, 26/10/1998.

<sup>23</sup> Trata-se de *Maciste all' inferno* (1926), dirigido por Guido Brignone. [http://www.cinemedioevo.net/Film/cine\\_maciste\\_inferno\\_1926.htm](http://www.cinemedioevo.net/Film/cine_maciste_inferno_1926.htm). Acesso em 20/09/2010.



O conto dialoga com o cinema mudo e tenta aproximar-se de sua forma. A obra de Valêncio não é paginada, e apresenta as páginas do lado esquerdo na cor cinza. No lado direito é que se desenvolve a narrativa. De acordo com Regina Chicoski, estes recursos aproximam o texto da forma cinematográfica.<sup>24</sup> Ao ler *Maciste no inferno*, fica a dúvida sobre a existência ou não do filme, mas não se trata de criação, e sim de uma apropriação feita por Valêncio.<sup>25</sup> Ao narrar a trama do filme, suas imagens e legendas são apropriadas. Já a história do espectador é narrada em primeira pessoa.



XAVIER. *O mez da gripe e outros livros*. Op. cit., s/p.

Neste livro, o autor recorre a diversos recursos gráficos. A narrativa do filme, por exemplo, é escrita em itálico, enquanto o espectador narra em negrito. Buscando reproduzir o filme, até mesmo a trilha sonora aparece de maneira gráfica no conto. Enquanto no enredo do filme, Maciste desce ao inferno para salvar sua irmã que foi sequestrada por um demônio, o espectador se esforça para tocar o seio de uma moça sem que ela perceba.

<sup>24</sup> CHICOSKI, op. cit., 170.

<sup>25</sup> Miguel Sanches Neto, por exemplo, escreve que o filme é criação de Valêncio: “*Maciste no inferno*, um filme moralista inventado pelo autor”. SANCHES NETO, op. cit. E também a 4.<sup>a</sup> capa de *O mez da gripe outros livros*: “parece descrever um filme mudo que se perdeu, mas esse filme nunca existiu”. XAVIER. *O mez da gripe e outros livros*. Op. cit., 4.<sup>a</sup> capa.



O conto se apropria de um enredo que apresenta uma visão bastante romântica do protagonista, Maciste vai ao inferno para salvar sua irmã, arriscando a própria vida pela dela, em contraposição com a narrativa do espectador, um tarado em busca de prazer sexual. Ao cruzar as narrativas, Valêncio as ressignifica, a história do filme, que a princípio exaltava o heroísmo do protagonista, perde seu sentido original devido à relação com a ação do espectador, um homem preocupado com a própria satisfação sexual.

De acordo com Sanches Neto, o livro revela a discrepância entre a representação ficcional romântica e o comportamento do espectador.

a pureza imperante [no filme] é contestada pelo personagem que o está assistindo, um bolinador acobertado pelo escuro do cinema. As duas histórias, a que se passa na tela (representada pela colagem de fotogramas) e a que acontece durante o filme, revelam a distância entre a representação artística edulcorada e a verdadeira natureza de um herói sem caráter.<sup>26</sup>

Assim como em *O mez da gripe*, a montagem em *Maciste no inferno*, altera o sentido original dos fragmentos. Se o enredo do filme italiano era dado pelo heroísmo do protagonista, no conto de Valêncio a história é ressignificada, e o comportamento altruísta do personagem Maciste serve somente para destacar o egoísmo e a depravação do espectador. O livro apresenta um grande teor de erotismo desde a primeira página, na qual é listada uma série de antigos filmes lascivos:

Noite de Amor... Vertigem de Luxo... Caminho da Perdição... Gigolô... Rouge e Pó de Arroz... Perdida em Paris... Os Mistérios de Hollywood... Bachanal... Sodoma e Gomorra... Três Noites de D. Juan... Macho e Femea... Maciste no inferno...<sup>27</sup>

<sup>26</sup> SANCHES NETO, op. cit.

<sup>27</sup> XAVIER. *O mez da gripe e outros livros*. Op. cit., s/p.



Ao ler os livros do artista, o leitor se depara com o estranhamento, seja pela utilização do recurso de montagem, pelas temáticas geralmente ligadas ao sexo e à morte, e ainda a linguagem que não é a contemporânea, mas busca reproduzir os códigos linguísticos do período em que as narrativas se passam. Para Regina Chicoski, o uso que Valêncio faz da linguagem desatualizada é um recurso que situa historicamente o leitor, e confere maior veracidade à narrativa. “Isso transporta o leitor para épocas remotas, de um tempo anterior. A grafia do início do século XX ilustra o contexto da trama”.<sup>28</sup>

Contudo, ao fazer a leitura de seus livros, a sensação mais destacada que temos é a dúvida. Suas narrativas correspondem a histórias reais ou ficções? A veracidade presente em seus livros confunde o leitor, as possibilidades interpretativas são diversas. Valêncio se apropria de fragmentos pré-existentes entendidos como não ficcionais – como os recortes de jornal em *O mez da gripe* – ou ainda de elementos ficcionais – a apropriação que faz do filme italiano – e através de suas combinações cria um tipo peculiar de ficção literária. Seus livros, em especial *O mez da gripe*, questionam os limites da ficção, na medida em que se apropriam de registros históricos para compor a verossimilhança dos enredos. De acordo com Evanir Pavloski, *O mez da gripe* questiona as fronteiras entre história e literatura, fato e ficção. Segundo o pesquisador,

Poderíamos dizer que o autor, por meio de sua novela estrategicamente ambientada num momento turbulento da história de Curitiba, problematiza o próprio conceito de registro factual. Isso se dá pela aproximação de elementos diferenciados que buscam descrever, analisar ou explicar um determinado acontecimento, como textos jornalísticos, a literatura, a estatística e a memória. Essas quatro formas de preservação histórica são colocadas lado a lado e constantemente confrontadas como forma de avaliar o grau de precisão e subjetivação a que cada uma delas está sujeita.<sup>29</sup>

Para Pavloski, o livro desconstrói a ideia do discurso historiográfico como isento de subjetividade, os registros históricos não aparecem simplesmente em oposição

<sup>28</sup> CHICOSKI, op. cit., p. 171.

<sup>29</sup> PAVLOSKI, op. cit., p. 54.



um ao outro, mas são complementares. Através desse dialogismo é possível que o leitor construa sua própria representação do passado. A contribuição da novela de Valêncio não está apenas na rememoração de um evento histórico inédito na historiografia paranaense, a epidemia de gripe espanhola, mas sim na possibilidade de diálogo que traz aos literatos e historiadores sobre as aproximações e distanciamentos das narrativas.<sup>30</sup>

Se em *O mez da gripe*, a montagem e a apropriação problematizam e questionam a objetividade do discurso historiográfico de maneira explícita, em *Maciste no inferno*, a composição da obra não deixa isso tão evidente. Entretanto, pelas raras interpretações do livro – como a de Sanches Neto – percebemos que também este conto causa confusão quanto à verossimilhança de sua narrativa. Talvez isso se deva à familiaridade da historiografia com as fontes impressas que são apropriadas pelo primeiro livro, familiarização que não se faz tão diretamente com o audiovisual, fonte para o segundo. O efeito de veracidade nas obras do artista aparece de modo bastante eficaz, seu poder de convencimento está na apropriação dos mesmos recursos utilizados pelo historiador, como o uso de fontes, datação, citações, e da linguagem específica do período representado, por exemplo. Contudo, se a verossimilhança em *Maciste no inferno* é posta à prova, em *O mez da gripe*, o efeito de realidade chega a parecer mais eficaz do a narrativa historiográfica. A veracidade na novela inquieta o leitor também devido ao ineditismo do tema, já que não se tem notícia de estudos sobre a gripe espanhola em Curitiba, não havendo, até os dias atuais, trabalhos que contraponham os sentidos criados pelo livro de Valêncio.

Para finalizar, gostaria de lembrar as ideias de Dominick La Capra, segundo o qual desde o século XIX, os historiadores só veem o romance como fonte, e não como forma narrativa, a busca pela cientificidade parece ter cegado os historiadores do caráter narrativo da historiografia. De acordo com La Capra, até o século XIX, os historiadores buscavam suas poéticas próprias, porém com o surgimento da escola metódica, a historiografia assumiu um padrão narrativo – sempre impessoal, uma terceira pessoa

---

<sup>30</sup> PAVLOSKI, Evanir. A desconstrução factual em *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. **Revista das Faculdades Santa Cruz**. v. 6, n. 2, jul.-dez., 2007. p. 31



onisciente –, afastando-se da narrativa romanesca. O autor sugere que os historiadores deveriam passar a ver o romance não apenas como uma fonte, mas também como modelo de narrativa, não para ser seguida, mas para que os historiadores possam aprender sobre seu próprio ofício.<sup>31</sup>

Os exemplos da narrativa de Valêncio certamente não resolverão a questão do quanto a historiografia dialoga com recursos narrativos ficcionais, mas ilustram em que medida a discussão pode ser profícua. São casos em que o problema da representação do passado não é apresentada como acabada, mas sim como um problema a ser construído, os questionamentos de seus livros são os mesmos da historiografia contemporânea. Além disso, podem ser bastante úteis ao historiador para se pensar a diversidade de formas narrativas, da qual a historiografia vem se mostrando omissa.

### Referências

BORBA, Maria Salete. **Para além da escritura: a montagem em Valêncio Xavier**. Florianópolis, 2005. Dissertação (mestrado), UFSC.

CHICOSKI, Regina. **Eros e Tanatos no discurso labiríntico de Valêncio Xavier**. Assis, 2004. Tese (doutorado), UNESP.

CHILVERS, Ian. Dadá. In: **Dicionário Oxford de arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EISENSTEIN, Sergei. **A forma do filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LA CAPRA, Dominick. História e romance. **Revista de História**. Campinas, n° 2/3, p. 107-124, 1991.

PAVLOSKI, Evanir. A desconstrução factual em *O mez da gripe* de Valêncio Xavier. **Revista das Faculdades Santa Cruz**, v. 6, n. 2, jul./dez. 2007.

---

<sup>31</sup> LA CAPRA, Dominick. História e romance. **Revista de História**. Campinas, n° 2/3, p. 107-124, 1991.



\_\_\_\_\_. Linguagem, História, ficção e outros labirintos em O mez da grippe de Valêncio Xavier. **Revista Letras**, Curitiba, nº 66, maio-agosto, 2005. Editora UFPR.

ROCKER NETO, Júlio. **O mosaico de linguagens na narrativa hipertextual de Valêncio Xavier**. Curitiba, 2008. Dissertação (mestrado), UFPR.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SANCHES NETO, Miguel. O poder corrosivo. **Gazeta do Povo**. Caderno G. p. 4. Curitiba, 26/10/1998.

SCHNAIDERMAN, Boris. O mez da grippe: um coro de muitas vozes. **Revista Usp**, nº 16, 1992-1993.

XAVIER, Valêncio. **Maciste no inferno**. Curitiba: Criar Edições, 1983.

\_\_\_\_\_. **O mez da grippe**. Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

\_\_\_\_\_. **O mez da grippe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.